

Editorial

Dossiê Caminhos do pensar em imagens de Marcel Proust

Organizadores: Rita Paiva e Francisco Pinheiro Machado

O ato de pensar tem caminhos múltiplos. Não obstante, a tradição filosófica – ao menos em sua vertente dominante – postulou o pensamento racional, ancorado no conceito, como o único apto a conduzir à verdade, a traduzir a natureza do ser, a desvendar o homem. Sob esse registro, outras formas de saber, relegadas à condição de representações e interpretações secundárias – porque de um modo ou de outro conectadas com a percepção e com a fantasia –, não poderiam jamais alcançar o estatuto de conhecimento verdadeiro. O instrumental nelas dominante deslegitimaria tal pretensão: a imagem.

No entanto, ao ponderar sobre o modo pelo qual conceitos e imagens são engendrados e invadem não apenas o mundo das representações, mas a própria história dos homens, inscrevendo-se em suas ações, unindo o pensamento e a vida, reconhecemos que tanto o exercício da abstração, dominante na filosofia e na ciência, quanto o esforço criador da imaginação – prevalente nos mitos, na arte, na literatura – resultam de uma atividade pensante e de processos mnemônicos. Daí decorre que, sem que se minimizem as diferenças entre essas instâncias, elas se encontrem enquanto resultantes de uma elaboração de pensamento que produz sentidos, tece interpretações, desvela faces ocultas do ser, do real, da condição humana. Para além disso, poderíamos ainda postular que determinadas realidades – como aquelas fugidias, múltiplas e mais intensamente vivas – se deixam capturar mais facilmente por um pensamento que se nutre da imaginação do que por aquele que não logra transcender as cercanias da lógica. Nesse caso, o pensar que nos

aproximaria com mais rigor e eficácia de uma possível verdade seria antes aquele substancialmente imagético, produzido pela arte e pela literatura, por exemplo, do que o pensamento conceitual. Dentre os autores que poderíamos mobilizar para fundamentar o poder revelador e crítico da imagem, encontramos Marcel Proust.

Pensador que optou por refletir mais por imagens do que por conceitos, como observara Camus, Proust produziu quadros visceralmente representativos da sociedade francesa na transição entre o século XIX e o século XX, figuras de uma profunda reflexão sobre as nuances de sua época. As imagens proustianas, no entanto, transbordam esse propósito, pois revolvem nossa relação com a realidade ao tensionar o pensamento para além da lógica da identidade. Proust as evoca, segundo Benjamin, esvaziando o eu, para saciar sua “nostalgia de um mundo deformado pela semelhança, no qual irrompe o verdadeiro semblante da existência”. Ademais, ao adentrarmos sua narrativa e ao acompanharmos seus personagens, em sua complexidade multifacetada, bem como as intrincadas relações que se desenham entre eles, o que se nos desvela é a potência de um pensamento que reflete sobre as dimensões infindáveis da existência e da condição humana. As figuras proustianas nos remetem, pois, à oposição vigente no âmago do humano, o jogo entre a fidelidade e a revolta, para ficarmos com Bataille. Logo, em sua obra, de um modo dos mais belos e profícuos, somos colocados no limiar entre literatura e filosofia.

Os textos reunidos nesse dossiê vêm ao encontro das múltiplas facetas da obra proustiana acima mencionadas. A jornada inicia-se com um convite a ler Proust sob a pouco explorada égide do riso, o que nos coloca face a um mundo proustiano, aquele do esnobismo, do homossexualismo e do sadismo, evitado pelas leituras majoritárias voltadas ao caráter revelador da *madeleine*, bem como ao seu papel na transformação do aprendiz em grande escritor. A seguir, as discussões exploram a construção do pensamento do escritor francês seja na coalizão por ele operada entre o caminho das construções lógicas e as sensações que nutrem esse pensar, seja numa interrogação sobre um possível entrelaçamento entre algumas concepções proustianas e sua relação com a fenomenologia. Ao avançarmos, é para o diálogo entre Proust e Deleuze que as reflexões se voltam. Por um lado, explora-se o modo pelo qual as imagens arrebatadoras que emanam de *À sombra das raparigas em flor* sugerem ao filósofo uma reflexão sobre os modos de existência; por outro, procura-se inspecionar a singularidade do enlace entre o pensamento deleuziano e o romance proustiano que culminou na obra *Proust e os signos*. A imagem do tempo como elemento catalisador de um encontro entre filosofia e literatura, no centro do qual despontam

as representações imagéticas do escritor francês e as reflexões filosóficas de Benjamin, é o movimento com que o leitor se depara num momento posterior. Uma reflexão sobre o tempo, a memória e a percepção promove, ainda, o diálogo entre dois filósofos-literatos e um pensador que se expressou pelas vias romanescas: Bergson, Ricœur e Proust. Por fim, desviando-se um pouco do pensamento romanesco do escritor que norteia esse dossiê, mas não da intersecção entre filosofia e literatura, o percurso encerra-se com uma reflexão sobre um instante singular, a saber, aquele em que o pensar filosófico de Benjamin encontra a poesia de Hölderlin.